

APRESENTAÇÃO

Este número é dedicado à infância. Final dos anos 90 e início do ano 2000 são períodos em que as crianças começam a reemergir como sujeitos da pesquisa nas diferentes áreas, ganham seus espaços nas agendas dos intelectuais. Alguns marcos podem ser destacados como o Congresso Mundial de Sociologia, realizado em 1990, e o Congresso Internacional “Os mundos sociais e culturais da infância”, realizado de 19 a 22 de janeiro de 2000, pelo Instituto de Estudos da Criança, da Universidade do Minho, em Braga, Portugal. A leitura do programa e dos textos desses congressos fornece-nos as diversas direções dos olhares sobre a infância e sua abrangência: políticas para a infância, o aluno no centro do sistema educativo, as crianças e os média, como as crianças constroem sua cultura, os contextos de vida das crianças, metodologias de intervenção, políticas para a infância, políticas de lazer, expressão e criatividade na infância, entre outros, que atestam a fertilidade das discussões. Um passar de olhos pelos periódicos também deixa claro como a preocupação com esta temática tem ocupado espaços nestes últimos 10 anos.

O trabalho de Sirota e Montandon (2001)¹ traz também para o debate a emergência de uma sociologia da infância, fazendo um balanço dos trabalhos registrados nos anos 90, em língua inglesa e francesa. As autoras discutem os principais elementos e questões que resultam da emergência do campo.

Os artigos aqui reunidos propiciam uma viagem no país da infância. António Gomes Ferreira, debruçando o olhar sobre o tratamento dado à criança pelo saber médico de finais dos seiscentos e início dos setecentos, destaca que na literatura médica da época

¹ Ver Cadernos de Pesquisa, n. 112, p. 7-60, mar. 2001.

“[...] a criança não se encontrava em boas mãos”, decorrente de “[...] um certo sentimento de impotência que advinha da qualidade da ciência que suportava a sua formação” e hoje, segundo Kramer, “[...] vivemos o paradoxo de ter o conhecimento avançado sobre a infância, enquanto assistimos com horror à incapacidade da nossa geração de lidar com as populações infantis e juvenis.” Nesta direção, Carlos Mota e Maria Gabriel, ao transitarem pela história da infância chegando à contemporaneidade, também exibem um quadro pouco animador sobre a infância, apresentando a situação das “crianças-soldados”, da pedofilia, do criancismo, das deficiências alimentares, entre outros aspectos que põem a nu “[...] as relações estabelecidas com a infância como expressão crítica de uma cultura – brutal, banal – em que não nos reconhecemos”, conforme sinaliza Kramer, repondo a importância do papel que temos desempenhado e que precisamos desempenhar rumo a uma cultura da paz, neste mundo marcado pela pobreza e pela violência banalizada.

Muitas vezes quando o olhar das ciências é dirigido para a infância é na direção de sua higienização ou disciplinamento, para a elaboração de dispositivos de normalização para constituir um tipo higiênico e eugenicamente normal, para produzir o corpo forte e espírito sadio, identificar, corrigir, prevenir imperfeições, examinar, medir, classificar, como nos traz Heloísa Rocha em seu artigo, ao abordar os saberes que vão construindo/constituindo a infância nas últimas décadas do século XIX.

Uma contribuição no campo da antropologia e da educação, resultado de uma pesquisa etnográfica, é apresentada por Mailsa Passos ao estudar os processos de socialização/transmissão cultural através da prática cultural do jongo e apontar as crianças enquanto atores sociais que, mesmo proibidas de participar desta atividade até pouco tempo, foram se apropriando das práticas culturais dos adultos e se fazendo como sujeitos, como ressignificadores/transmissores/produtores de cultura. O texto de Beatriz González abre um caminho para se repensar a formação de professores ao propor uma Escola da Universidade utilizando-se da infraestrutura já existente, onde haja “[...] oferta de unas prácticas educativas alternativas, donde se inicien en el trabajo los diplomados en magisterio, o estudiantes de ramas similares,

[...] que tengan interés por temas educativos y la infancia, o interés por dedicar tiempo y esfuerzo a actividades de ocio, aportando su experiencia en otros campos como la gestión, la salud, etc.”

Desejamos ao leitor que transitar por estas páginas e nelas deparar com a intersecção de saberes sobre a infância encontre também caminhos possíveis para ampliar reflexões e ações nas suas práticas com estes sujeitos.

Maria dos Anjos Lopes Viella